


## Sociologia da religião no Brasil: artesanias, fronteiras e horizontes<sup>1</sup>

Joanildo Burity<sup>1</sup> 

### Introdução

A sociologia da religião não é um campo estritamente disciplinar no Brasil ou na América Latina. Nem a sociologia, rigorosamente, o é. Basta dar uma olhada nos eventos nacionais e continentais para perceber a forte e nada episódica circulação de intelectuais com formação em outras disciplinas ou com formação e atuação eclética ou explicitamente inter/transdisciplinar. As publicações especializadas em estudos de religião ou de sociologia não apresentam situação diferente. Assim, escrever um balanço da produção da sociologia da religião coloca, de partida, questões espinhosas de pertencimento, escopo e localização. Quem, rigorosamente, deve ser identificado ou contado como sociólogo/a da religião? Tratar-se-ia de uma identidade estável, de fronteiras nítidas e firmes? Em relação à sociologia da religião, há uma *brasileira*, com jeito próprio, práticas e pautas distintivas, singulares e, ao mesmo tempo, formando uma espécie de tradição, em termos comparativos, com outras? Ou se trataria de um campo de saber consolidado “fora” e exercido “aqui” com base em parâ-

metros construídos ao longo de um processo de institucionalização (sub)disciplinar, validado internacionalmente e praticado — por suposto com suas especificidades, apropriações negociadas e críticas — *no Brasil?*

A mais elementar constatação que se pode fazer, seja pela inserção no campo, seja pela sondagem do que, de quem e de como se faz, é de que qualquer definição estrita da sociologia da religião significará, no contexto brasileiro, a exclusão de dezenas de pessoas que pesquisam e publicam sobre essa temática e que circulam regularmente pelos espaços ditos disciplinares da sociologia.

Seja pelas condições históricas de constituição e de institucionalização das ciências sociais no continente e no Brasil, seja por mudanças epistemológicas importantes ocorridas, a sociologia da religião agrupou e agrupa mais do que aquilo que seu nome visaria a *disciplinar*. As ciências sociais começam como uma tradição ensaística, produzida por filósofos, advogados, historiadores, jornalistas, e a sociologia é seu primeiro nome. Somente a partir dos anos 1930 é que se vai produzindo uma especialização disciplinar interna ao campo das ciências sociais,

---

1 O autor agradece a colaboração de Emanuela Catunda, no processo de organização dos dados, e de Henrique Guimarães, na produção de tabelas por meio do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS); agradece comentários generosos e certeiros de Maria das Dores Campos Machado, em um seminário organizado pela revista, no Rio de Janeiro; e agradece aos/às pareceristas anônimos/as que apontaram vários aspectos a esclarecer ou reforçar. Sem essas contribuições, os resultados seriam mais frágeis e pobres. Escusado dizer que todos os problemas remanescentes não são de sua responsabilidade.

---

<sup>1</sup>Fundação Joaquim Nabuco – Recife (PE), Brasil. E-mail: joanildo.burity@fundaj.gov.br  
Recebido em: 02/04/2019. Aprovado em: 17/12/2019

com a antropologia e a ciência política se descolando da sociologia. Mesmo assim, muitos casos permaneceram com o nome de departamentos e cursos de graduação e de pós-graduação em *ciências sociais*. Dados da Plataforma Sucupira para 2018 mostram que, dos 53 programas de pós-graduação na área de sociologia existentes no país, 24 intitulam-se “ciências sociais” (CAPES, 2017). As especializações subdisciplinares são, mesmo na sociologia, um fenômeno das últimas três décadas impulsionado pela consolidação da pós-graduação, com a formação de novas gerações de pesquisadores/as e a ampliação do número de revistas científicas, processo ainda em curso.

Essa definição ou demarcação de um campo é o que o termo *fronteira*, no título, sinaliza. Há várias expressões usadas que nomeiam esse campo e que são dificilmente separáveis de um ponto de vista cartesiano: estudos da religião, sociologia da religião, antropologia da religião, ciências sociais da religião e, mais recentemente, ciências da religião. Embora este último termo, no Brasil, corresponda muito ao inglês *religious studies*, no contexto francófono, *sciences de la religion* já é mais próximo do perfil brasileiro, pluridisciplinar.

O debate em torno do que define a boa prática no campo deixou suas marcas em algumas publicações, especialmente em balanços da produção intelectual. Uma delas foi aberta pelo balanço realizado por Antônio Flávio Pierucci (2002), um ensaio bastante provocativo, no qual ele afirma que a sociologia da religião é uma área *impuramente acadêmica*. Mobilizando as teorias da secularização e da modernização e a sociologia de Bourdieu, a tese dele era a seguinte: tem muita “gente religiosa” fazendo sociologia da religião, o que não vale. Há vários argumentos que questionam os estudiosos do

seguinte modo: “com que intenções alguém que é católico estuda catolicismo?”; “o que é que pode estar passando pela cabeça de um protestante estudando o protestantismo?” etc. Esse tipo de rigorismo formal e biográfico suscitou polêmica (Campos, L. S., 2008; Camurça, 2001; Mariz, 2000; Rodrigues, 2011; Rosas, 2018; Souza, 2015).

Essas questões têm a ver com a definição das fronteiras disciplinares. Elas, de certa maneira, resolveram-se — mas complicando o trabalho de quem vai fazer um balanço da área — pelo crescimento da área. O crescimento do número de pesquisadores, publicações, revistas, programas de pós-graduação com áreas ou linhas de pesquisa tem elevado o grau de diversidade interna. Em contrapartida, há uma série de condições de funcionamento do campo que passam pelas formas como ele foi institucionalizado. Nenhuma “polícia”, além da autorregulação pela prática e da metarregulação pelos processos de avaliação por pares, tem, assim, qualquer efeito. “Secularização” do afã de regular a ordem sociológica!

Então, uma primeira questão que é preciso esclarecer é a seguinte: quando dizemos *sociologia da religião*, no contexto brasileiro, estamos dizendo *ciências sociais da religião*. Além de ciências sociais da religião, mais recentemente emergiu o campo das *ciências da religião*, que reúne, de um ponto de vista institucional, a teologia, a filosofia, a história e outras disciplinas das humanidades num campo organizado. Previsivelmente, faz fronteira, faz sombra e, de maneira efetiva, sobrepõe-se ao campo das ciências sociais da religião. Muitos sociólogos e sociólogas da religião aí encontram seus espaços profissionais de trabalho, e intelectuais com outras formações flertam, dialogam ou se engajam na sociologia da religião.

Dessa forma, a sociologia da religião deve ser vista, em primeiro lugar, em uma *perspectiva reticular*, como um conjunto de conexões e de adensamentos que formam *comunidades intelectuais*, atravessando, sem pedir licença ou desculpas, fronteiras nada naturais ou eficazmente vigiadas. Em segundo lugar, essas comunidades deixam marcas de seus processos de produção de conhecimentos sobre um objeto crescentemente disperso e polissêmico, donde a *profusão de lugares* e as *disputas* que produzem ideias de fronteiras, intentos de racionalização e reconhecimento normativizantes. Em terceiro lugar, *tomar como ponto de partida o que é apresentado e quem se apresenta como sociólogo da religião* é, nessas condições, mais recomendável do que assumir uma definição canônica, cristalizada em outro lugar e não mais do que uma entre outras formas de traçado de fronteira em terreno tão movediço e dinâmico. Tudo isso ainda impõe muitas escolhas, pois nada mais ingênuo do que imaginar que não haja nucleações e protocolos de reconhecimento que estabilizam minimamente a prática subdisciplinar e lhe dão uma face, uma textura e um regramento. Em outras palavras, delineiam e caracterizam uma *rede* de práticas e praticantes.

O presente estudo, ancorado nessa primeira aproximação e respeitando o gênero de escritura solicitado, procurou identificar uma produção *publicada* sobre religião em revistas da área. Produção, portanto, previamente submetida a protocolos de reconhecimento intelectual e disciplinar por comunidades realmente existentes de praticantes. Também procurou levar a sério as questões de fronteira e de situação, buscando cercar, de modo pragmático, mas regrado, onde e o que poderia ser reconhecível como produção sociológica sobre a religião.

Três metáforas insinuaram-se a mim pelo próprio levantamento feito, que ajudarão a organizar a reflexão final sobre os resultados: *artesanaria*, *fronteiras* e *horizontes*. Elas permitem descortinar, na dispersão, o discurso (sociologia da religião), por meio desses objetos materiais tomados como base (artigos de revistas), sobre quem, como, o que e onde se faz sociologia da religião no Brasil. Elas permitem perceber como emerge uma forma predominante de construir conhecimento — *artesanaria* — que produz *fronteiras* móveis que delimitam comunidades plurais de praticantes fortemente ancoradas numa figuração das ciências sociais construída e regulada desde outro lugar — donde o título optar pela expressão *no Brasil*, e não *brasileira* — e, no entanto, aberta, em expansão, ebulição e transformação pela diversificação temática e de vozes, pluralização teórica e metodológica, multiplicação dos lugares institucionais onde essa produção é circulada e validada — *horizontes*.

Não se encontra nesse balanço uma apreciação da argumentação dos artigos nem uma discussão de suas orientações teóricas. Não se encontra aqui a produção importantíssima e, em geral, apegada às exigências formais do labor científico, das dissertações e teses. Ao focalizar publicações, foi privilegiada uma abordagem construída com base em *indicadores* (portanto, quantitativa no seu formato, mas envolvendo dimensões qualitativas em toda a extensão do processo de coleta e análise). No entanto, entre essas publicações, particular atenção foi dada, na seção final, a *balanços ou revisões bibliográficas* da sociologia da religião no Brasil ou de temas e abordagens específicas à subdisciplina.

O texto está assim organizado: no que segue, apresento uma descrição de como o estudo foi armado, os procedimentos de coleta e de seleção das publicações. Em seguida,

indico como a análise foi realizada. Por fim, levanto uma série de problematizações que os resultados suscitaram. Na última seção, busco descortinar um olhar, uma perspectiva que, guiada pelas metáforas propostas, mas sem as forçar sobre o material analisado, apresenta um cenário da produção da sociologia da religião no Brasil.

### **Armando o estudo: procedimentos de coleta e seleção**

Como o estudo foi construído? Algumas questões pragmáticas foram pensadas preliminarmente, sujeitas a certos controles analíticos. Estando claro que a produção se materializa de muitas formas, era preciso definir a modalidade que seria privilegiada, uma periodização e os critérios de seleção que tornassem viável o estudo. Optei por publicações em periódicos e decidi trabalhar com uma periodização da produção, numa abordagem ao estilo de um levantamento mais abrangente que pudesse gerar uma base quantificável, embora não necessariamente a ser tratada estatisticamente — jamais poderia fazer isso, uma vez que faço parte de um campo em que a maioria trabalha com métodos qualitativos, por preferência analítica ou por competência técnica<sup>2</sup>.

A escolha recaiu, assim, sobre um período de 20 anos, de 1998 a 2018. Além de ser imediatamente posterior ao diagnóstico da “área impuramente acadêmica”, de que falou Pierucci (cujo trabalho foi originalmente publicado em 1999), esse é também um período de notável intensificação dos processos de institucionalização da pós-graduação e da pesquisa científica no Brasil (Lima; Cortes,

2013). Tomando-se, por exemplo, o número de cursos de pós-graduação surgidos entre 1998 e 2011, a área de ciências humanas teve crescimento de 145,2% e aumento de 192% no número de titulados (Cirani; Campanario; Silva, 2015). Dados do Geocapes indicam a existência de 102 cursos de doutorado e 65 de mestrado em ciências humanas no país, em 1998. Em 2017, esses números eram, respectivamente, 314 e 201, com 83 mestrados profissionais que não existiam no início do período. O número de bolsistas da Capes, em ciências humanas, no Brasil, em 1998, era de 3.915 bolsistas. Em 2017, esse número é 12.879, além de 666 bolsas de pós-doutorado não contabilizadas em 1998, conforme a página virtual <<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes>>. O documento de área da sociologia de 2017 indica que 54 cursos funcionavam em 2016, um crescimento de 86% em relação a 1998 (CAPES, 2016, p. 2-3). Dos 53 programas de pós-graduação na área de sociologia, em 2018, 18 foram iniciados até 1997 e 27 foram iniciados desde 2003 (CAPES, 2017).

O escopo do trabalho privilegiou publicações em periódicos. Os artigos foram selecionados em revistas de sociologia e de ciências sociais, tendo em vista que essa é a área de avaliação da Capes correspondente. Em termos das bases de dados consultadas, o levantamento foi feito, no início, apenas na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), utilizando o rol de termos fornecido pela própria base, privilegiando revistas classificadas como A1 e A2 no sistema Qualis Periódicos da Capes. No entanto, essa seleção revelou-se restritiva, tendo em vista que muitas revistas que publicam na área

---

2 A pesquisa quantitativa é um grande desafio para a sociologia da religião feita no Brasil. Poucos trabalhos se destacam nessa área, menos ainda quando se trata de dar largo escopo aos estudos. Assim, quando muito, a maioria desses trabalhos se atém a quantificações “locais”.

não fazem parte do SciELO. Somente quatro revistas classificadas nesses dois estratos publicaram artigos sobre religião (considerado o critério de autoria, que explicarei a seguir), sendo três delas específicas da área de religião — *Religião & Sociedade*, *Estudos de Religião* e *Revista de Estudos da Religião*. Também pude perceber que os critérios de credenciamento do SciELO produzem forte viés regional, com a produção das regiões Sudeste e Sul do Brasil criando um oligopólio dos registros pelo fato de que as revistas mais bem qualificadas estão todas, com exceção de uma, nordestina, naquelas regiões do Brasil.

Isso me levou a ampliar, de uma maneira menos sistemática, o número de revistas a serem incluídas. Uma consulta mais detalhada ao Qualis, cruzando informações sobre a classificação da área de sociologia e de ciências sociais e a área de ciências da religião, e ampliando o foco para revistas B1 e B2, permitiu ampliar de 4 para 20 revistas, o que revela o processo de consolidação ainda em curso na área. Optei, ao final, por pesquisar apenas as revistas A e B1. Também consultei publicações constantes nos *sites* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Complementarmente, foi feita uma combinação de levantamentos — por meio do Google Acadêmico, do Portal de Periódicos da Capes e de *sites* de algumas revistas não localizadas nessas buscas — de artigos não identificados nos *sites* anteriores (particularmente no caso de revistas com Qualis B1), com base em palavras-chave e checagem da formação e atuação dos autores.

Busquei identificar, nesse procedimento, autores e autoras que produzem *no Brasil*, com *formação ou atuação* nas áreas de *sociologia ou ciências sociais* ou autores de outras áreas publicando em *revistas reconhecida-*

*mente especializadas* na publicação de artigos sobre religião (sem prejuízo das revistas de sociologia e de ciências sociais mais gerais constantes dos Qualis de sociologia e ciências da religião). Com isso, visei dar conta da produção em sociologia da religião sem perder de vista sua dispersão. A inclusão de autores/as de outras áreas (bem entendido, das demais ciências sociais — antropologia, ciência política e relações internacionais —, das ciências sociais aplicadas e das humanidades, inclusive as ciências da religião), desde que publicando em revistas especializadas de sociologia e/ou de religião, fornece um indicativo de como, na disciplina, acolhe-se o diálogo interdisciplinar ou a contribuição de outros campos disciplinares fronteiriços nos temas caros à sociologia da religião. Artigos publicados por cientistas da natureza e da saúde foram inteiramente desconsiderados, assim como artigos da psicologia clínica. Visando ainda identificar o grau de *colaboração acadêmica* na área, *coautorias* foram consideradas quando pelo menos o/a primeiro/a autor/a preenchia os critérios de formação e atuação disciplinar e produção no Brasil. A formação ou atuação disciplinar e a localização dos autores, quando não indicada nas publicações, ou em casos de ambiguidade, foi verificada no Sistema de Currículos Lattes ou no Google.

Com vistas a uma seleção mais manejável, mas sistemática (considerados os critérios anteriores), realizaram-se dois tipos de busca nas bases de dados citadas, em uma estratégia de *múltipla aproximação*: uma busca por *termos gerais*, como religião, religioso, religiosa, religiosas etc., e outra, baseada em *termos específicos*, por tradição ou grupo religioso ou pela própria expressão “sociologia da religião”. Somente *textos completos*, com a temática religiosa expressa no *título*, *resumo* ou *palavra-chave*, foram incluídos. No caso

do SciELO, excepcionalmente, primeiro momento da pesquisa, a busca foi feita *em todos os índices*. No *site* da Anpocs, pesquisei a *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* (BIB), apesar de esta última não preencher o critério do Qualis adotado, por se tratar de um espaço especializado na publicação de balanços ou revisões bibliográficas, com sólida reputação. No *site* da SBS, pesquisei a *Revista Brasileira de Sociologia*. A publicação em inglês da SBS, *Sociologies in Dialogue*, com quatro números publicados desde 2015, não apresentava até o início de 2019 nenhum artigo com alguma relação com a sociologia da religião.

Uma vez localizados os artigos, apliquei os critérios de autoria. O Quadro 1 indica resultados preliminares para diferentes termos de busca, nas várias bases de dados, depois de filtrados por termos-chave e autoria. Dois destaques sobre os resultados:

- apenas três artigos preenchem os critérios definidos na *Revista Brasileira de Sociologia*: um balanço geral e comparativo da sociologia no Brasil e dois textos sobre a sociologia de Max Weber;
- na BIB, identificaram-se nove artigos no período pesquisado. Obteve-se o total de 441 entradas, formando o ponto de partida para uma análise fina, que levou à exclusão de várias dezenas de itens por razões a serem expostas.

### Fazendo o estudo: procedimentos de análise

Formada a base de dados e lidas integralmente as revisões/balanços/avaliações constantes dela (em número de 17 artigos), construiu-se uma planilha com um conjunto de critérios a serem identificados em cada artigo, com o fim de permi-

**Quadro 1. Termos de busca nas bases consultadas.**

Base de dados	Buscas	Resultados
SciELO	sociologia da religião; religião or religiosa or religioso or religiosos; religião, Brasil, sociologia; católica or catolicismo; pentecostal or pentecostalismo or pentecostalismo brasileiro or pentecostalizacao; religioes afro-brasileiras or religioes afrobrasileiras or religioes de matriz africana or religiao afro-brasileira or religiao de matriz afro-brasileira or candomble or umbanda; evangelicos; sem-religiao or sem-religiao	370
<i>Revista Brasileira de Sociologia</i>	sociologia da religião, religião, religiões, católicos, catolicismo, protestantismo, evangélicos, pentecostais, pentecostalismo, religiões afro-brasileiras, religiões de matriz africana, candomblé, umbanda, espíritas, espiritismo, sem-religião, igreja	3
BIB	Verificação individualizada em todos os números do período	9
Google Acadêmico	religião, brasil, revisão, balanço, sociologia (20 primeiras telas)	4 novos*
Sites de revistas adicionais	sociologia da religião, religião, religiões, católicos, catolicismo, protestantismo, evangélicos, pentecostais, pentecostalismo, religiões afro-brasileiras, religiões de matriz africana, candomblé, umbanda, espíritas, espiritismo, sem-religião, igreja	55 novos*

\*Resultados não identificados nas bases anteriores; SciELO: Biblioteca Eletrônica Científica Online; BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais.

tir a investigação dos parâmetros de interpretação delineados na introdução deste trabalho — quem, o que, como e onde se produz (em) sociologia da religião no Brasil. Dois tipos de procedimentos, então, foram realizados: procedimentos de caráter *temático* e procedimentos de caráter *analítico*.

Os procedimentos temáticos visaram identificar os principais temas e as religiões estudadas. Os procedimentos analíticos incluíram a abordagem utilizada nos textos, a localização regional e institucional dos autores, a natureza individual ou colaborativa da autoria, a distribuição por ano de publicação e a composição da bibliografia utilizada (classificando-a em termos de publicações nacionais, internacionais e latino-americanas). O mapeamento da bibliografia teve como objetivo construir um triplo indicador: o quanto publicações nacionais pesam na produção desses trabalhos; o quanto de diálogo com a literatura internacional há nessas publicações (que também serve, indiretamente, como índice do caráter brasileiro da sociologia da religião aqui produzida); e em que medida um aspecto da internacionalização já em curso do ponto de vista da institucionalização recente da área, que é a latino-americanização da sociologia da religião brasileira<sup>3</sup>, reflete-se nas produções, pela utilização de publicações de colegas que atuam nos outros países desse marco continental. Tal utilização poderia ser indicativa, ainda, de processos de descolonização intelectual.

Na questão da abordagem, observou-se, além da classificação dos artigos em um tipo específico, se se tratava de estudos de caso ou de estudos temáticos, sincrônicos ou diacrônicos, estudos especificamente brasileiros ou análises comparativas com outros contextos nacionais ou em escala regional. Outro aspecto foi a preocupação de perceber, especialmente em uma leitura mais qualitativa, que discurso sobre a religião (como conceito) e sobre as religiões (como fenômenos e instituições) emerge dessa literatura. Que linhas predominantes de compreensão do fenômeno religioso e de religiões específicas emergem daí?

Na operacionalização desses procedimentos, todos os artigos foram consultados para identificação dos temas, das religiões pesquisadas e das abordagens. Esse processo levou a um novo refinamento da base, pois foram reunidas algumas dezenas de artigos que não demonstravam no corpo do texto um tratamento substantivo ao tema da religião, conforme sugerido pelo resumo ou pelas palavras-chaves, restringindo-se a comentários *en passant* ou em desenvolvimentos secundários de uma temática não religiosa. Isso resultou numa base final de 296 artigos analisados. Na leitura desses artigos, utilizaram-se duas técnicas: *skimming* (para familiarização geral com o texto e identificação de seu tema e ideia principal) e *scanning* (para busca de informações específicas, referentes às religiões pesquisadas, à abordagem utilizada, à composição da

---

3 A participação brasileira nas diretorias, comissões e eventos de todas as associações disciplinares e temáticas latino-americanas é altamente significativa, particularmente no período considerado, no qual se deu uma marcante ampliação do número de coordenações de grupos de trabalho e mesas e apresentações de trabalhos. Destacam-se, nessa circulação, os congressos da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), as Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina promovidas pela Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) e grupos de trabalho sobre o tema mantidos pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso).

bibliografia utilizada e, por vezes, ao próprio esclarecimento do tema). O *skimming* incluiu ainda a leitura integral das introduções e conclusões dos artigos.

### **Problematizando os resultados**

A primeira coisa que emerge muito claramente da leitura dos artigos, especialmente à luz dos balanços sobre a sociologia da religião no Brasil dos anos 1970 e 1980, é que há um robusto processo de *pluralização* em curso. Essa pluralização se expressa em termos de crescimento numérico de revistas, artigos e autores e de diversificação regional e institucional. Há mais gente produzindo na área e há mais canais de difusão dessa produção, mesmo levando em conta os critérios seletivos utilizados.

Esse crescimento também significou uma distribuição regional bem mais policêntrica da produção sobre sociologia da religião no Brasil. De um ponto de vista institucional, regionalmente, esses programas assim se distribuem atualmente: 23 no Sudeste, 14 no Nordeste, 10 no Sul, 4 no Centro-Oeste e 2 na Região Norte. No período anterior a 1998, 9 programas estavam no Sudeste, 5 no Nordeste, 3 no Sul, 1 no Centro-Oeste e nenhum no Norte (CAPES, 2017). A seleção dos artigos também indica a distribuição por ano e por região de atuação de seus autores/as no período estudado.

Os 296 artigos selecionados foram publicados em 35 revistas. Dividimos nossa análise em dois períodos iguais para facilitar a comparação: 1998–2007 e 2008–2018. Essa divisão já permite identificar o aumento na produção: há aumento de 438% no número de artigos, de 55, no primeiro período, para 241 artigos, no segundo. A seguir, exploramos distintos aspectos dos artigos, relativos à sua autoria e à vincula-

ção disciplinar, à distribuição regional e institucional das publicações, às religiões estudadas, às abordagens utilizadas, aos temas e à distribuição geocultural das referências bibliográficas.

A *distribuição regional* dessa produção é extremamente assimétrica, com a região Sudeste sendo responsável por 66,89% de toda a produção. No entanto, ao separar por período, esse percentual sobe a 80% entre 1998 e 2007. No período seguinte, aumenta a participação das demais regiões, sendo a produção do Nordeste a que mais avança, passando de 5,45 a 14,94%, com a produção no Sudeste caindo a 63,9%. Aumenta, também, significativamente, o número de instituições de origem dos/as autores/as, comparando-se os dois períodos: de 20 instituições no primeiro período, passamos a 50, no segundo. Enquanto a Universidade de São Paulo (USP) é responsável por 32,7% da produção institucional no primeiro período, vindo em segundo lugar a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), empatadas em 9,1%; no segundo período, a UFRJ vem primeiro, com 12,4%, seguida da USP, com 8,3%, e da UERJ, com 6,2%. Esses números, portanto, sugerem tanto um crescimento numérico como uma maior distribuição regional e institucional na produção de sociologia da religião.

Em termos de *autoria*, há dois aspectos a ressaltar: a impressionante prevalência da autoria *individual* sobre a colaborativa e o aumento no número de autores nos dois períodos. No primeiro período da análise, apenas um artigo, dos 55, foi escrito em coautoria. Estes 98,2% de autoria individual caem para 77,6% no período seguinte. Olhando pelo outro lado, houve notável intensificação do número de artigos em coautoria, subindo de 1,8 para 22,4%. De qualquer forma, a dis-



tribuição ainda pende decisivamente para artigos individuais. Esse quadro sugere uma das dimensões da “artesanaria”, sobre a qual retornarei na última seção. A distribuição de gênero também se altera nos dois períodos: 38,18% da produção é feminina, no período de 1998 a 2007, aumentando para 46,05% no período mais recente, muito próximo de percentuais gerais de publicação científica de autoria feminina no Brasil (Batista; Righetti, 2017).

Os artigos foram classificados também em relação à *formação* e/ou à *área de atuação dos seus autores*. Levando em conta as escolhas feitas em relação às revistas pesquisadas, mas também o que foi dito sobre a constituição do próprio campo da sociologia da religião, como ciências sociais da religião, no Brasil, era de esperar que houvesse uma diversidade de formações entre os praticantes da disciplina. A Tabela 1 demonstra, para os dois períodos, a distribuição dos artigos. Mais uma vez, corrobora-se a ideia de *pluralização*: se há crescimento absoluto da sociologia em relação à antropologia de

um período para o outro, a segunda cresce bem mais percentualmente e há um discreto aumento do percentual de autores/as cuja formação ou área de atuação vai além da sociologia.

Em relação às *religiões estudadas*, os resultados aparecem na Tabela 2. Diversifica-se o interesse por grupos religiosos específicos, mantendo-se certo esforço em abordar mais de uma religião simultaneamente em torno de um quarto dos estudos. Em todo o período, a atenção dada ao *catolicismo*, de forma específica, mantém-se desproporcionalmente baixa em relação à sua importância demográfica e à própria magnitude de sua diminuição (considerando-se a perda de fiéis) ao longo das últimas décadas (o que poderia suscitar estudos em busca de explicações), ainda que haja um perceptível crescimento da produção sobre o tema na última década. Sob a rubrica “conceitual”, agruparam-se artigos que trataram do tema/conceito “religião” em termos teóricos ou ao modo de discussões bibliográficas sobre aspectos conceituais, metodológicos ou históricos,

**Tabela 1. Autores e formação/atuação.**

Período	Disciplina	Frequências	Percentuais
1998 a 2007	Sociologia	37	67,3
	Antropologia	15	27,3
	Ciência política	2	3,6
	Outro	1	1,8
	Total	55	100,0
2008 a 2018	Sociologia	124	51,5
	Antropologia	100	41,5
	Ciência política	5	2,1
	Filosofia	1	0,4
	História	3	1,2
	Outro	8	3,3
	Total	241	100,0

sem evidenciar trabalho empírico próprio. Nos últimos anos, corroborando a ideia de uma maior sensibilidade à pluralização religiosa no país, esse estilo de produção parece ter cedido espaço a estudos mais empíricos, caindo praticamente pela metade o número de artigos com esse perfil. No campo evangélico, o pentecostalismo monopolizou completamente a atenção dos cientistas sociais da religião, mantendo-se próximo dos 20% dos artigos em cada período, percentual similar ao do catolicismo e que eclipsa o protestantismo histórico (2%). Em termos gerais, pode-se dizer que a atenção dada a cada religião não corresponde à sua dimensão demográfica, mas claramente ao que se sabe sobre a visibilidade e as controvérsias públicas associadas a diferentes religiões no

Brasil. Ao mesmo tempo, amplia-se o leque de religiões estudadas, com a percepção de um país religiosamente mais plural.

Quando explorados em relação à *formação* ou à *atuação disciplinar dos/as autores/as*, esses números se redesenham de forma significativa. Os sociólogos de formação ou por atuação claramente sobressaem nos estudos conceituais (67,4% do total dessa categoria), sobre o espiritismo (66,7%), protestantismo pentecostal (58,5%) e histórico (83,3%) e outras religiões (61,3%). Em relação às religiões afro-brasileiras, trata-se do território dos antropólogos — 66,7% dos artigos sobre candomblé e 100% dos poucos artigos sobre umbanda. Antropólogos e sociólogos dividem-se nos estudos sobre o catolicismo (47,5% contra 45,8%, respectivamente),

**Tabela 2. Religiões estudadas.**

Período	Religião Estudada	Percentuais
1998 a 2007	Várias religiões	25,5
	Conceitual	23,6
	Evangélica pentecostal	18,2
	Católica	14,5
	Outra	9,1
	Candomblé	7,3
	Evangélica histórica	1,8
2008 a 2018	Várias religiões	24,1
	Católica	21,2
	Evangélica pentecostal	17,8
	Conceitual	12,4
	Outra	10,8
	Candomblé	8,3
	Evangélica histórica	2,1
	Espírita	1,2
	Umbanda	1,2
Indígena	0,8	

enquanto os antropólogos representam um terço dos estudos sobre pentecostalismo, espiritismo e outras religiões. Nos estudos que abordam ou, em bem menor escala, comparam várias religiões, os sociólogos se sobressaem, mas o leque é mais diversificado: 55,6% das publicações são de sociólogos, 36,1% de antropólogos e 8,4% de profissionais de outras disciplinas.

Os artigos também foram observados em termos da *abordagem empregada* no estudo das religiões e temas. As abordagens foram classificadas em cinco tipos: qualitativa, quantitativa, mista (qualiquantitativa), teórica e histórica. Esses termos devem ser entendidos em sentido lato, não se podendo, nos limites deste estudo, avaliar o grau de sofisticação e rigor na aplicação dessas abordagens. No caso da abordagem identificada como teórica, estão compreendidos estudos que discutem conceitos, teorias gerais e teorizações sobre religiões ou temas específicos, na maioria dos casos em diálogo com a literatura internacional e autores de referência ou clássicos das ciências sociais. Abordagens históricas têm estrutura narrativa ancorada numa temporalidade normalmente de caráter mais alongado que os trabalhos empíricos. A Tabela 3 dá um panorama das abordagens aplicadas a cada religião.

O primeiro destaque é a clara predominância dos estudos empíricos que utilizam a abordagem qualitativa. Eles representam 64,19% das publicações. Em seguida, vêm trabalhos teóricos, com 22,64% dos artigos. Abordagens históricas vêm em seguida, mas longe, com 5,41%, à frente de trabalhos quantitativos (4,73%) ou com abordagem mista (3,04%). Combinando-se os percentuais das abordagens qualitativa, quantitativa e mista, temos um percentual de 71,96% de trabalhos *empíricos*. Ao distribuímos por religião estudada, *a prevalência da abordagem*

*qualitativa estende-se a praticamente todas as religiões*, com exceção das indígenas (muito sub-representadas na base, com dois artigos), chegando a 91,7% dos estudos sobre candomblé e variando entre 76 e 80% no caso do catolicismo, pentecostalismo e outras religiões. Abordagens quantitativas predominam em estudos tratando de várias religiões comparativamente (12,5%) e, em bem menor escala, em estudos de outras religiões (6,5%) e pentecostalismo (3,8%), o mesmo dando-se com as abordagens mistas. As abordagens teóricas são focadas em conceitos e teorias gerais (93% do seu total), mas também são utilizadas nos estudos de: várias religiões, catolicismo, pentecostalismo, outras religiões e umbanda, nessa sequência. As abordagens históricas predominam no estudo de religiões indígenas, protestantismo histórico, espiritismo, catolicismo e candomblé, nessa ordem.

Em conexão com as religiões estudadas e as abordagens utilizadas, identificaram-se também os *temas* de cada artigo. Essa é uma análise mais complexa. A exploração temática exhibe natural tendência à maior dispersão pelos aspectos singulares de cada estudo. Mas é possível identificar algumas tendências tanto em termos dos temas em si, agrupando mais sistematicamente sua diversidade, quanto em sua relação com as religiões estudadas.

A dispersão temática é crescente ao longo do período estudado. Isso revela que, mesmo quando se foca cada grupo religioso, a tendência a abordagens genéricas ou abrangentes sobre os católicos, os evangélicos etc. cede lugar à exploração de aspectos particulares. O que é indicativo de uma ampliação e amadurecimento do campo de estudos, bem como, possivelmente, do impacto das interlocuções intelectuais que vêm sendo construídas, teórica e empiricamente. A Tabela 4 apresenta

**Tabela 3. Abordagens utilizadas por religião.**

Religião	Abordagem	Frequências	Percentuais
Candomblé	Histórica	2	8,3
	Qualitativa	22	91,7
	Total	24	100,0
Católica	Histórica	5	8,5
	Qualiquantitativa	1	1,7
	Qualitativa	45	76,3
	Quantitativa	1	1,7
	Teórica	7	11,9
	Total	59	100,0
Conceitual	Histórica	2	4,7
	Qualitativa	1	2,3
	Teórica	40	93,0
	Total	43	100,0
Espírita	Histórica	1	33,3
	Qualitativa	2	66,7
	Total	3	100,0
Evangélica histórica	Histórica	2	33,3
	Qualitativa	4	66,7
	Total	6	100,0
Evangélica pentecostal	Qualiquantitativa	2	3,8
	Qualitativa	45	84,9
	Quantitativa	2	3,8
	Teórica	4	7,5
	Total	53	100,0
Indígena	Histórica	1	50,0
	Qualitativa	1	50,0
	Total	2	100,0
Outra	Qualiquantitativa	2	6,5
	Qualitativa	25	80,6
	Quantitativa	2	6,5
	Teórica	2	6,5
	Total	31	100,0
Umbanda	Qualitativa	2	66,7
	Teórica	1	33,3
	Total	3	100,0
Várias religiões	Histórica	3	4,2
	Qualiquantitativa	4	5,6
	Qualitativa	43	59,7
	Quantitativa	9	12,5
	Teórica	13	18,1
	Total	72	100,0

uma síntese dos principais temas abordados por artigo no *corpus* estudado. Apesar de dezenas de artigos discutirem mais de um tema, destacou-se apenas o tema principal (definido pelo título, resumo ou espaço dedicado no artigo). Em linha com a orientação predominantemente empírica, o estudo de *identidades e práticas religiosas específicas* representa um significativo percentual dos artigos (41,22%). Isso não significa que outros temas não representem trabalhos empíricos. Como também não significa que não haja, na maioria dos trabalhos empíricos, seções com discussões teóricas substantivas ou mesmo trabalhos teóricos dedicados a identidades ou práticas religiosas específicas. Isso resulta em uma discreta redução no percentual dedicado a temas teórico-conceituais, tendo em vista que nessa categoria foram contabilizados apenas os artigos com estudo conceitual ou histórico, sendo textos teóricos sobre religiões ou temas específicos (incluindo a própria sociologia da religião brasileira) classificados em outros temas da tabela. A listagem sinaliza a agenda predominante da sociologia da religião brasileira

nos últimos vinte anos, revelando tanto o que ocupa o centro das atenções da subdisciplina (os três primeiros temas, de longa presença na sua trajetória) quanto temas emergentes ou mais secundários.

Há vários temas transversais no *corpus*. Eles entram em discussões de temas principais ou são trabalhados em si mesmos. Ressalto a importância dessas temáticas no *corpus* e exemplifico com algumas referências: *gênero* (Machado, 2005; 2018; Rosado-Nunes, 2017), *sexualidade* (Cordovil, 2017; Natividade, 2006; Reis, 2017), *mídia* (Birman; Machado, 2012; Burity, 2003; Lima; Werneck, 2012), *identidade étnico-racial* (Alves, J. A. L., 2010; Chagas, 2009; Prandi, 1998), *política* (cobrindo uma lacuna por muito tempo deixada pela inapetência da ciência política brasileira pelo tema) (Burity, 2008; Machado, 2012; Mariano, 2016) e, nos últimos anos, uma interrogação que começa a ganhar corpo, sobre *pluralismo*. Essa interrogação oscila da discussão da diversidade religiosa em si a uma construção analítica mais exigente

**Tabela 4. Temas principais dos artigos estudados.**

Temas	Frequências	Percentuais
Identidades e práticas religiosas específicas	122	41,22
Temas teóricos	47	15,88
Participação, representação política e instituições estatais	28	9,46
Gênero, sexualidade e corpo	26	8,78
Etnicidade e religião	18	6,08
Sociologia da religião no Brasil	14	4,73
Ativismo sociorreligioso	11	3,72
Transnacionalização e globalização	16	5,41
Sociodemografia religiosa	8	2,7
Pluralismo, tolerância e intolerância	6	2,06
Total	296	100

sobre as formas de estar junto das religiões, a regulação estatal das religiões e os conflitos entre grupos religiosos e o quanto o pluralismo possibilitaria ou expressaria um equacionamento cultural e institucional da pluralidade religiosa (Mariano, 2016; Montero, 2006; Negrão, 2008a).

Alguns temas são bem recentes, como a *música*, com trabalhos sobre o gospel e alguns estudos comparados com a música nas religiões afro-brasileiras, além de uma investigação histórico-teórica sobre a música religiosa (Bandeira, 2017; Rehen, 2007; Veiga Jr., 2013). Estudos sobre o *Islã*, que têm muito a ver com a identidade dos muçulmanos brasileiros e com as questões de gênero no Islã no Brasil, aparecem discretamente aqui (Barbosa; Paiva, 2017; Chagas, 2015; Ferreira, 2009). O tema da *transnacionalização religiosa* tem, desde os anos 1990, gerado uma série de trabalhos. No início, falou-se em globalização; depois, o tema passou a ser operacionalizado empiricamente como transnacionalização. Não são sinônimos, mas este último termo parece ter tido uma recepção mais ampla (Burity, 2018; Lewgoy, 2008; Ortiz, 2001; Pires, 2010; Sansone, 2012).

Um olhar mais distanciado, apoiado na agenda das ciências sociais brasileiras e do debate público, permite identificar dois temas muito presentes *por sua ausência ou marginalidade no corpus* estudado. *Movimentos sociais* é um deles. Havia nos anos 1990 uma preocupação com o impacto e a sobrevivência das comunidades eclesiais de base (CEB) católicas, sua inserção nos movimentos urbanos, a emergência das questões culturais e de gênero em sua pauta e o surgimento de alguns projetos sociais evangélicos nas periferias das grandes cidades. Essa preocupação quase desapareceu de publicações tematizando o catolicismo ou as questões urbanas,

cedendo lugar à presença dos pentecostais nesses espaços e, quando muito, a diagnósticos sobre a crise das CEB — a despeito de estudos recentes que as revisitam não encontrarem essa crise, a não ser no sentido de que já não há na igreja o mesmo espaço e apoio às CEB (Couto, 2002; Maués, 2010; Steil; Reyes Herrera, 2010; Vianna, 2015).

Outro tema que pouco frequenta as publicações de sociologia da religião é o engajamento da subdisciplina com os *grandes debates* da disciplina. Então, grandes questões colocadas pela *teoria social contemporânea*, especialmente nesses últimos 20 anos, recebem, do ponto de vista das publicações desse *corpus*, uma atenção muito pequena. O engajamento é muito mais com leituras específicas que sirvam a certa *démarche* guiada pelo caso empírico estudado; ou seja, o manejo do debate teórico mais amplo da sociologia e das ciências sociais tende a ter o tamanho do objeto estudado, sendo assim instrumental ou *problem-driven*. A exceção parece ser o clássico debate sobre a *secularização*, com base no qual emerge uma aproximação com a crescente sensibilidade relativa à diversidade e ao pluralismo fora do âmbito dos estudos de religião. Ainda que grande parte dessa nova produção seja bastante crítica da própria problemática da secularização, matizando-a ou descentrando-a de muitas maneiras, ela parece ser uma espécie de ponto de encontro ou de partida para distintas intervenções, sintoma de uma força paradigmática ainda presente (Alves, E. C., 2010; Bonato *et al.*, 2016; Burity, 2001; 2008; Camurça, 2003; Mariano, 2016; Montero, 2006, 2016; Pierucci, 1998; 2006).

Finalmente, interessou-me verificar, por meio das *referências bibliográficas*, como se constrói a interlocução da sociologia da religião no Brasil pela distinção entre *publicações nacionais, internacionais e latino-americanas*.

Com isso, pode-se perceber indiretamente a *geopolítica do conhecimento* na área: quais são as teorizações ou as referências analíticas para o tratamento teórico ou empírico dos temas estudados; qual o nível de interação com a produção latino-americana; qual o grau de internacionalização da produção publicada. Não temos indicação de que a diáspora política dos anos 1964–1978 tenha produzido qualquer impacto digno de nota na sociologia da religião no Brasil, tampouco a maior exposição à produção latino-americana desde fins dos anos 1990 (via associações, congressos e outros eventos, principalmente). Mas a sociologia da religião feita no Brasil dialoga seriamente com a produção europeia e, em menor escala, norte-americana. A média brasileira fica em 11,7 referências por artigo (com a sociologia ligeiramente acima da média, com 12 referências, mas abaixo da história e da ciência política, com mais de 15), sendo a média de referências brasileiras 19,7 por artigo; a de referências internacionais, 14,54; e 0,82 de referência latino-americana.

Considerando a formação e a atuação disciplinar dos/as autores/a, *a sociologia e a antropologia da religião são marcadamente centradas na produção brasileira*. Elas vêm em último lugar na média de referências internacionais, respectivamente com 14,4 e 13,4, comparadas ao intervalo de 16,9 a 27,3 para as demais disciplinas. Em termos da interlocução com autores/as nacionais, elas aparecem primeiro, a sociologia com 20,8 e a antropologia com 19,2, embora as médias nesse caso sejam mais uniformemente distribuídas entre sociologia, antropologia, ciência política e história. Quando observamos as médias em relação às abordagens utilizadas, destaca-se a sistemática predominância de diálogo com a bibliografia nacional (entre 17,6 e 28 referências) sobre a internacional

(de 5,5 a 22,6). *Mas as médias de referências nacionais não diminuem o fato de que quase a totalidade dos artigos dialoga com referências internacionais*. Essa tendência predomina em artigos teóricos e, curiosamente, no aumento da utilização de fontes latino-americanas em abordagens mistas (média de 2,11).

Em contrapartida, uma exploração bastante preliminar do lugar desses tipos de referências na argumentação desenvolvida mostrará a clara hegemonia de autores e teorizações internacionais no *enquadramento conceitual ou metodológico das análises*, quando não na busca de legitimação para os achados ali discutidos. Isso confere um peso diferenciado ao uso dessas referências e ocorre mesmo em artigos com maior média de referências nacionais. Autores europeus predominam maciçamente sobre outras origens geográficas. Há muitos artigos que se estruturam (também ou principalmente) com base na produção de autores-chave das ciências sociais brasileiras, revelando algum grau de indigenização da produção. Mas, em geral, não há explicitação de motivos epistemológicos ou metodológicos para as preferências, deixando a suspeita de que as escolhas decorrem de fatores ligados às temáticas estudadas e aos aspectos mais contingentes do lugar e das interlocuções sobre as quais são produzidos esses textos.

### **Artesania, fronteiras e horizontes: algumas reflexões com base nos balanços publicados**

O percurso anterior levou-nos por caminhos pouco explorados nas análises da produção das ciências sociais da religião no Brasil — há dois estudos semelhantes, embora ancorados apenas na revista *Religião & Sociedade* (Fernandes, 2013; Vital da Cunha, 2017). Creio ser importante, nesta seção

conclusiva, ao menos tentar uma apreciação de conjunto, com base nesses dados, que os situe e projete. Para tanto, gostaria de retomar o potencial heurístico das três metáforas sugeridas no início.

Assim fazendo, aproveitarei a oportunidade, simultaneamente, de explorar outro conjunto de textos, recolhidos quase todos do *corpus* estudado, que se classifica no gênero mais tradicional dos balanços da produção ou das revisões bibliográficas. É interessante que não há tantos assim. Não parece um hábito de sociólogos/as da religião os balanços da área. Há seções de revisão da literatura em muitos artigos. Mas a tentativa de discernir as tendências, identificar a inovação e visitar e questionar saberes consolidados na área ou parte dela envolve relativamente poucos trabalhos.

Como disse, há no *corpus* 17 desses textos que se empenham em avaliar estratos temáticos da produção, teorias ou questões políticas sobre a formação e a dinâmica do campo de estudos. Não será o caso de resenhar ou discutir em detalhes, nos limites que ainda me restam, esse conjunto. Mas é possível tomar suas asas para um pequeno voo por sobre o conjunto dos dados apresentados nas seções anteriores. Dois textos desse grupo sugerem, um obliquamente e outro mais diretamente, a ideia de *artesanania* como marca do fazer da sociologia da religião. Em um deles, o tom é negativo, crítico. Em um trabalho que situa a subdisciplina ao lado de outros campos de saber da sociologia no Brasil, Freitas e Ribeiro (2013) questionam que não há, na sociologia da religião, acúmulo sustentado para um debate, uma forma de fazer, conclusões que deem origem a uma espécie de ciência normal, paradigmática. Há uma forte vinculação com a teoria, ou melhor, teorias sociais, mas estas são escolhidas e abandonadas ao sabor de contingências quanto à percepção dos objetos de estudo. A

descontinuidade é a marca. Segundo Freitas e Ribeiro (2013, p. 85-86), as pessoas lançam mão de diferentes procedimentos metodológicos, mudam de tema e de teoria com facilidade:

Esse desenvolvimento se dá por meio da permanente busca de veios a serem explorados. Quando um veio se esgota, ou parece se esgotar, procura-se outro em algum outro lugar. Nesse processo, a substituição de um veio por outro não é regida por razões de ordem teórica, metodológica ou epistemológica [...] mas sim nas vicissitudes do objeto sob investigação. [...] Para arrematar, há circunstâncias [...] em que é possível à sociologia da religião até mesmo ignorar resultados empíricos de décadas de pesquisa para seguir a direção que lhe parece mais aprazível.

Na conclusão, os autores são ainda mais irônicos e implacáveis:

Quem quiser que se sirva do legado de Weber, ou de Marx, ou de Durkheim, ou combine esses legados, ou ainda, se não se sentir confortável com nada disso, que se valha da teoria da escolha racional ou dê uma guinada para os estudos etnográficos, enfim, faça o que quiser, desde que consiga se mover (Freitas; Ribeiro, 2013, p. 105).

Esse não é um quadro muito animador. A julgar pela descrição, estamos no reino do vale-tudo, da idiosincrasia e do voluntarismo. Apesar de todo esse vaticínio se basear em uma única referência: um balanço de Mariano (2011) (por sinal, meritório) sobre o crescimento pentecostal no Brasil. Tão poucas pernas mereceriam mais modéstia nas conclusões de Freitas e Ribeiro, que, como ressalta Rosas (2018), sequer fazem justiça ao mérito da questão: esses saltos



paradigmáticos não são tão claros assim, a abrangência da crítica não é tão grande como se pinta e há, sim, acúmulos importantes de orientações, conceitos e debates perseguidos em quantidade suficiente para formar massa crítica. Mas interessa-me ressaltar que, por linhas tortas, Freitas e Ribeiro tocam em alguns aspectos da forma de fazer sociologia da religião no Brasil que emergem da própria análise apresentada aqui: forte diálogo com referências internacionais, que têm uma força modeladora da análise maior do que mera interlocução, articulada em esforços largamente individuais (mesmo que com importante tendência à produção colaborativa nos últimos anos), num ambiente intelectual no qual diferentes aportes disciplinares são acolhidos (seja pela formação, seja pela atuação dos/as autores/as) de forma razoavelmente simétrica e reconhecidos por pares em redes nacionais e internacionais.

Pode-se ler esse perfil da forma impiedosa, exagerada e sem ancoragem em suficientes referências probatórias, como Freitas e Ribeiro (2013). Parece-me claro que se trata de *artesanias*: ofício aprendido por paciente prática de iniciação por artesãos mais experientes e aperfeiçoamento/dedicação pessoal; aberto a bricolagens de materiais; orientado a produzir em escala controlada com passagens entre formas e estilos e experimentações de vários tipos. Em contrapartida, essa artesanias conecta-se a uma orientação metodológica e epistemológica que poderia se chamar de *construtivista* e que me parece bastante difundida na área; portanto, nada idiossincrática ou assistemática. Nem mesmo específica da sociologia da religião, uma vez que partilha uma longa e sólida tradição no campo das humanidades.

Um segundo texto, que explora a formação do campo e as tendências metodológicas na sociologia da religião no Brasil, fala, já

no título, de “artífices e instrumentos” (Fernandes, 2013), sugerindo explicitamente essa metáfora da artesanias desde as primeiras linhas. Começando com uma epígrafe tomada de Wright Mills, em *A Imaginação Sociológica*, que recomenda com todas as letras “sejamos um bom artesão” (Fernandes, 2013, p. 19), a autora explora esse aspecto e estende essa orientação a outros grandes nomes das ciências sociais, como Sennett e Ingold (*apud* Fernandes, 2013, p. 20ss). A autora reconhece essa tendência tanto em termos deontológicos como de constatação empírica. Seu trabalho se ampara num levantamento de quatro anos e meio (2007–2012) da revista *Religião & Sociedade*, a mais importante publicação do campo no país. Interessa-lhe, particularmente, um aspecto da artesanias sociológica: a escolha das ferramentas (metáfora para as metodologias e técnicas utilizadas). Crítica da escassez de estudos quantitativos na área (Fernandes, 2013, p. 24–25), Fernandes apresenta um relato ilustrativo de sua compreensão da artesanias em termos da construção metodológica de um estudo sobre catolicismo no Rio de Janeiro que combinou abordagens qualitativas e quantitativas. Embora essa parte do artigo revele pouco do intento, ressaltou a contribuição desse trabalho para reforçar o perfil de artesãos/ãs que caracteriza os/as sociólogos/as da religião em termos de suas concepções do fazer, do que há para fazer e de como fazer, que o texto de Freitas e Ribeiro (2013) também suscitou.

Alguns balanços chamam muita atenção para uma discussão, digamos, política do campo, que introduz minha segunda metáfora, a das *fronteiras*. Sendo um dos textos inaugurais do *corpus* (cronologicamente falando) um argumento apaixonado pela necessidade de delimitação e reforço das fronteiras (Pierucci, 2002), há, por

exemplo, um debate sobre a representatividade regional dos próprios balanços feitos sobre a produção brasileira. Num artigo publicado em *Religião & Sociedade*, duas antropólogas da Universidade Federal de Pernambuco, Roberta Campos e Mísia Reesink (2011), questionam de maneira bastante sistemática um balanço feito sobre a antropologia da religião no Brasil, publicado na série *Horizonte das Ciências Sociais*, da Anpocs, no volume específico sobre antropologia. Elas apontam para um ponto sensível da geopolítica do conhecimento na área, cobrando que, basicamente, toda a produção do Norte e Nordeste brasileiros foi ignorada naquele levantamento. Estamos na discussão das *fronteiras*. A primeira fronteira é regional. Se compreensível pela concentração no Sudeste de cursos e pesquisadores/as, como já observado, não há justificativa plausível para tal esquecimento, em vista da significativa produção, especialmente no Nordeste, equiparada, como também visto, à do Sul do Brasil. Mas não se trata de uma fronteira puramente *espacial*. A segunda crítica é, precisamente, a de que seu traçado não delimita um “interior” exclusivo da produção *antropológica* — nem no número, nem nas disciplinas envolvidas, nem nas temáticas. Isso leva Campos e Reesink, questionando um balanço da antropologia da religião, a reclamarem da ausência de sociólogos/as e até cientistas políticos/as!

Há um aspecto do argumento de Pierucci (1998; 2002; 2006), em vários textos, que diz respeito à *respeitabilidade* da sociologia da religião ante as demais subdisciplinas da sociologia, ante as outras disciplinas das ciências humanas e ante as disciplinas *hard* das ciências. Ele lamenta o *pathos* marginal dos sociólogos da religião. Ironiza, também, a vulnerabilidade intelectual dessas pessoas, sua má-fé ou incapacidade de traçar um li-

mite entre interesse, crença e profissão. O próprio Pierucci mudou de estratégia ao longo do tempo, à medida que novas gerações de cientistas sociais da religião pluralizaram substancialmente o campo, responderam criticamente a esses desafios e ampliaram seu reconhecimento acadêmico (individual e subdisciplinar). Não obstante, ficaram marcas dessa ansiedade profissional no próprio debate publicado da disciplina.

A questão das fronteiras — a delimitação de uma sociologia da religião com um perfil consistente, reconhecido, sustentável, de qualidade assegurada — parece-me resolvida numa direção previsível: o encontro da história da área com tendências importantes do debate contemporâneo sobre a interdisciplinaridade e a ciência. Os empréstimos transfronteiriços e os arranjos institucionais compartilhados que marcam as ciências sociais são percebidos muito além do Brasil. Linhagens epistemológicas e metodológicas híbridas ou heterodoxas, críticas da disciplinaridade estrita, estão, hoje, em toda parte. O fato de que os temas e objetos não apenas são estudados por diferentes disciplinas como, desde o começo, com conhecimento da existência dessas contribuições para além de suas fronteiras, leva a interlocuções e trocas deliberadas. As redes de troca acadêmica — associações e eventos internacionais e, aos poucos, pesquisas de campo multissituadas e projetos colaborativos com pesquisadores/as de outros países — reforçam ainda mais essa sobreposição, o afrouxamento e o retraçado de fronteiras, que relativizam a disciplinaridade. O campo da sociologia da religião é e, parece, continuará sendo, impuro, num sentido nada pejorativo.

Que *horizontes* se abrem nessa produção? Para onde vai a sociologia da religião? Poucos trabalhos se colocam explicitamente

essa reflexão. Mas é inevitável que os balanços o façam, por mais obliquamente que seja, sendo balanços *avaliações e projeções* de práticas, não apenas diagnósticos neutros. Além disso, o levantamento feito aqui das religiões, abordagens e temas, quando vistos desde a ótica dos dois períodos em que dividi o *corpus*, apontam predominâncias e emergências. Por aí se podem entrever linhas de fuga e horizontes, sem que se precise fazer esforços de adivinhação ou previsão de futuro. Sendo por definição móvel, um horizonte nem é o futuro, nem regula o presente. Marca os limites de um cenário. O que se pode ver de sua *extensão* ou *alcance*. Descortina um aparecer, enquanto se retrai permanentemente, dando contornos ao olhar. Convida a prosseguir, a explorar.

Uma questão de horizonte é o que está acontecendo com o catolicismo. Do ponto de vista dos dados quantitativos, a narrativa é praticamente única: decréscimo, declínio, diminuição de influência, escassez de vocações sacerdotais, perda de fiéis, paróquias mais ou menos esvaziadas etc. Mas vários balanços e alguns trabalhos no *corpus* têm ressaltado a existência de outras tendências empíricas e outros cenários de permanência ou até mesmo de renovação do catolicismo (Campos, R. B. C., 2008; Fernandes, 2011, 2013; Oro; Alves, 2013; Sofiati; Moreira, 2018; Steil; Reyes Herrera, 2010).

Esses trabalhos ressaltam a longevidade e a resiliência da cultura católica — apontando a limitação de um foco estritamente confessional ou institucional para a análise da religião — e os novos espaços de dinamismo e de renovação de práticas ou tendências já conhecidas na Igreja Católica, desde o *aggiornamento* dos anos 1960, que se repositonam ou se recriam hoje, mesmo que se trate de posições conservadoras ou tradicionais (Aldana, 2008; Bonato, 2017;

Sofiati; Coelho; Camilo, 2018; Vianna, 2015). Ajudam a lembrar que não há cenário possível de uma completa minoritização do catolicismo, quer em termos numéricos, quer em termos qualitativos, o que deixa um campo de práticas institucionais, alternativas espirituais, interações com outras religiões e outros atores sociais e formas de presença pública que não pode ou não deve ser estudado em termos de sobrevivência, mas de pluralidade e transformação.

Outra dimensão de horizonte se coloca, a meu ver, pelo tema emergente do pluralismo. Ele se expressa num debate que remete à consciência e à problematização da diversidade e da pluralização, respectivamente, cenário e processo, em várias dimensões da vida social contemporânea. Diversidade, no sentido da constatação da dispersão religiosa, dos processos de individualização crescente que levam as pessoas a fazerem a sua religião, mesmo quando se mantêm vinculadas a uma, especificamente. Processos de pluralização, pelos quais as fronteiras entre as religiões se tornam complicadas e se invaginam (produzindo grupos com perfis semelhantes em religiões diferentes) e se intensifica o trânsito entre elas (não só passagem, mas visitas, peregrinações, temporadas, aprendizados); as relações entre as religiões se multiplicam (ecumenismo e diálogo inter-religioso ou intensificação da competição e surgimento de agonismos e antagonismos entre algumas delas); e reclames por novas formas de regulação estatal da religião emergem (por parte tanto de minorias religiosas como de atores seculares). Pluralismo pode ser visto de modo pouco rigoroso analiticamente — contentando-se com os vários *modi vivendi* que se arranjam e rearranjam no cotidiano — ou pode dar lugar a reflexões mais conceituais e estruturais sobre o que ocorre com a religião quan-

do submetida a profundas e generalizadas condições de pluralização (Burity, 2015; Campos; Reesink, 2011; Montero, 2006, 2016; Negrão, 2008a; 2008b).

Por último, outra dimensão de horizonte diz respeito ao duplo desafio da comparação e da internacionalização da sociologia da religião brasileira. Ela reúne vários aspectos: os estudos comparativos entre religiões, a ampliação do olhar para estudar outros contextos geoculturais, a internacionalização da pesquisa e o aprofundamento do trabalho em rede. Uma contribuição importante dos/as sociólogos/as da religião, que a sua tendência modesta à comparação identificada no *corpus* revela, é uma ênfase no caráter *relacional* das identidades e práticas religiosas. O clássico debate sobre o sincretismo e os atuais debates sobre o trânsito religioso e as diferentes formas de diálogo inter-religioso (deliberados ou espontâneos) são bons testemunhos. Se há uma área em que há muito tempo não existem preocupações de apurar ou purificar as coisas, essa é a do estudo das religiões. Os dados empíricos com que se trabalha mostram que, a despeito dos discursos institucionais, a *desinstitucionalização* é a regra de como as pessoas vivem a religião ou as religiões que elas adotam. É possível dizer que há um *relacionalismo forte* nessa produção, embora ele não se traduza em termos de um *comparativismo forte*. Assim devem ser lidos os dados sobre “várias religiões”, representando um quarto da produção ao longo de todo o período estudado, mas também a sensibilidade para a heterogeneidade interna a cada religião estudada e a forma composta dos marcos interpretativos construídos pelos textos. Mas o *relacionalismo está em desnível com a comparação*, pensando em desenhos mais sistemáticos de pesquisa

ou no recurso a múltiplos casos nacionais. Ainda é incipiente a aventura de pesquisa além das fronteiras nacionais — por várias razões, uma provavelmente nada secundária sendo a disponibilidade de financiamento; mas há, hoje, várias formas de realizar esse tipo de estudo, até mesmo por meio de recursos e metodologias virtuais, o que levanta a questão de por que não.

Em contrapartida, a latino-americанизação, que já avançou em termos associativos e de intensa participação em eventos continentais, não se reflete na *produção* dos sociólogos da religião no Brasil. Esse é um horizonte preocupante de isolamento e, provavelmente, de colonialidade do saber na sociologia da religião feita no Brasil. É chocante a ausência de referências nas bibliografias e de discussão sustentada com autores e casos latino-americanos (às vezes, a referência é apenas uma nota de rodapé, com um “conferir”). Apesar do discreto aumento nos últimos anos, ainda estamos muito longe de poder falar de uma interlocução. A América Latina não está no mapa das religiões estudadas pela sociologia da religião no Brasil.

Praticada por artesãos/ãs, precisando negociar múltiplas e sobrepostas fronteiras, num campo de relações assimétricas, espacial e politicamente, a sociologia da religião no Brasil apresenta uma pujança talvez ainda juvenil, apesar das décadas de existência. Mas é possível perceber uma aceleração e um aprofundamento de sua produção, em franco processo de pluralização. E ainda que pareça modesta e incerta a influência e mesmo a credibilidade da subdisciplina em relação ao *mainstream* disciplinar, não nos esqueçamos de que, quaisquer que sejam suas fontes históricas, o objeto “religião” é inseparável dessa história.

## Bibliografia

- ALDANA, M. Vozes católicas no Congresso Nacional: aborto, defesa da vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 639-646, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200018>
- ALVES, E. C. Revisitando o conceito de secularização. **Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais**, n. 33, p. 169-186, 2010.
- ALVES, J. A. L. Coexistência cultural e “guerras de religião”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 21-172, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100003>
- BANDEIRA, O. Música gospel no Brasil - reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 2, p. 200-228, 2017. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n2cap08>
- BARBOSA, F. C.; PAIVA, C. M. Sexo/prazer no Islam é devoção. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 3, p. 198-223, 2017. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap08>
- BATISTA, E. L., & RIGHETTI, S. Mulheres já produzem metade da ciência do Brasil, diz levantamento. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2017/03/1864542-mulheres-ja-produzem-metade-da-ciencia-do-brasil-diz-levantamento.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- BIRMAN, P.; MACHADO, C. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 55-69, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300004>
- BONATO, M. A Igreja Católica e as experimentações pastorais e missionárias na década de 1960: a experiência de Gioventù Studentesca no Brasil. **Pro-Posições**, v. 28, n. 3, p. 144-168, 2017. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0093>
- BONATO, M. *et al.* Secularização em Antônio Flávio Pierucci: da contemporânea serventia de continuarmos acessando aquele velho sentido. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, p. 11-43, 2016. <http://dx.doi.org/10.5902/2236672525347>
- BURITY, J. A cena da religião pública: contingência, dispersão e dinâmica relacional. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 102, p. 89-105, 2015. <https://doi.org/10.25091/s0101-3300201500020006>
- BURITY, J. Glocalização e mudança de identidade: missionários brasileiros pentecostais e carismáticos no Reino Unido. **Religião & Sociedade**, v. 38, n. 1, p. 14-35, 2018. <https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n1cap01>
- BURITY, J. Mídia e religião: regimes do real entre o mistério, o aparente e o virtual. **Religião & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 77-91, 2003.
- BURITY, J. Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista. **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 41-65, 2001.
- BURITY, J. Religião, política e cultura. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 83-113, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200005>
- CAMPOS, L. S. O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre “protestantismo” e “repressão”: algumas observações 30 anos depois. **Religião & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 102-137, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000200006>
- CAMPOS, R. B. C. Sobre a “Docilidade” do Catolicismo: Interpretações do Sincretismo e Anti-sincretismo na/da Cultura Brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 65, p. 89-103, 2008.
- CAMPOS, R. B. C.; REESINK, M. L. Mudando de eixo e invertendo o mapa: para uma antropologia da religião plural. **Religião & Sociedade**, v. 31, n. 1, p. 209-227, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872011000100009>

- CAMURÇA, M. A. Da “Boa” e da “Má vontade” para com a Religião nos Cientistas Sociais da Religião brasileiros. Comentários a propósito do balanço realizado por Antônio Flávio Pierucci sobre a produção acadêmica da Sociologia da Religião no Brasil, nos últimos 25 anos. **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 67-86, 2001.
- CAMURÇA, M. A. Secularização e Reencantamento: a Emergência dos Novos Movimentos Religiosos. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 56, p. 55-69, 2003.
- CHAGAS, G. F. Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do Rio de Janeiro. **Religião & Sociedade**, v. 29, n. 2, p. 152-176, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872009000200008>
- CHAGAS, G. F. Rituais fúnebres no islã: notas sobre as comunidades muçulmanas no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 35, n. 1, p. 121-138, 2015. <https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap06>
- CIRANI, C. B. S.; CAMPANARIO, M. de A.; SILVA, H. H. M. da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação**, v. 20, n. 1, p. 163-187, 2015. <https://doi.org/10.590/S1414-40772015000500011>
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). BR-CAPES-COLSUCUP-PROG-2017-2018-08-01. Capes, 2017. Disponível em: <<https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/903b4215-ea91-4927-8975-d1484891374f/resource/a4f6bf7a-ed8e-4f9e-b339-6dbb0e76aac7/download/br-capes-colsucup-prog-2017-2018-08-01.xlsx>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de Área: Sociologia*. CAPES, 2016. Disponível em: <[https://capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/34\\_SOCI\\_docarea\\_2016.pdf](https://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/34_SOCI_docarea_2016.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- CORDOVIL, D. Sexualidade, Espiritualidade e Conjugalidades na Wicca Brasileira. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 1, p. 85-103, 2017. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap05>
- COUTO, M. T. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 2, p. 357-369, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200006>
- FERNANDES, S. R. A. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 3, p. 663-684, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000300012>
- FERNANDES, S. R. A. Sobre artifícios e instrumentos: o estudo da religião no Brasil e algumas tendências metodológicas. **Estudos de Sociologia**, v. 18, n. 34, p. 19-37, 2013.
- FERREIRA, F. C. B. Teatralização do sagrado islâmico: a palavra, a voz e o gesto. **Religião & Sociedade**, v. 29, n. 1, p. 95-125, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872009000100005>
- FREITAS, R. S.; RIBEIRO, L. Avanços e perspectivas da sociologia no Brasil: uma abordagem comparativa. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 69-113, 2013. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.43>
- LEWGOY, B. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>
- LIMA, D.; WERNECK, V. A notícia política na mídia evangélica: o Mensageiro da Paz e a Folha Universal em perspectiva comparada. **Dados**, v. 55, n. 1, p. 221-250, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582012000100006>
- LIMA, J. C.; CORTES, S. M. V. A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 3, p. 416-435, 2013. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.3.16522>
- MACHADO, M. das D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. 1-18, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n247463>

- MACHADO, M. das D. C. Religião, cultura e política. **Religião & Sociedade**, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.
- MACHADO, M. das D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>
- MARIANO, R. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 4, p. 710-728, 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.4.00000>
- MARIANO, R. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. **Perspectiva Teológica**, v. 43, n. 119, p. 11-36, 2011. <https://doi.org/10.20911/21768757v43n119p11/2011>
- MARIZ, C. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 25-39, 2000.
- MAUÉS, R. H. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. **Religião & Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872010000200002>
- MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 74, p. 47-65, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000100004>
- MONTERO, P. “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião & Sociedade**, v. 36, n. 1, p. 128-150, 2016. <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n1cap06>
- NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61, p. 115-132, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000200006>
- NEGRÃO, L. N. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008a. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000200004>
- NEGRÃO, L. N. Trajetórias do sagrado. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 115-132, 2008b. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200006>
- ORO, A. P.; ALVES, D. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 1, p. 122-144, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872013000100007>
- ORTIZ, R. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300004>
- PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 75, p. 111-127, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000200008>
- PIERUCCI, A. F. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, p. 43-73, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000200003>
- PIERUCCI, A. F. Sociologia da religião: Área impuramente acadêmica. In: PIERUCCI, A. F. *et al.* **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**: Sociologia. São Paulo/Brasília: Anpocs/Sumaré/Capes, 2002. v. 2. p. 237-285.
- PIRES, A. C. Globalização, desconsecularização e espiritualidade evangélica no Brasil: uma análise socioteológica. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 38, p. 25-36, 2010.

- PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008>
- REHEN, L. K. F. “Receber não é compor”: música e emoção na religião do Santo Daime. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 181-212, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000200009>
- REIS, L. M. Erotismo gospel: mercados e limites da sexualidade entre evangélicas(os) no Complexo do Alemão. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 1, p. 65-84, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap04>
- RODRIGUES, E. Ciência da religião e ciências sociais: aproximações e distanciamentos. **Plura - Revista de Estudos de Religião**, v. 2, n. 1, p. 65-79, 2011.
- ROSADO-NUNES, M. J. F. Feminismo, Gênero e Religião - Os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 65-76, 2017. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p65-76>
- ROSAS, N. Sociologia da religião: comentário a um balanço sobre a produção do conhecimento. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 1, p. 263-290, 2018. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n1p263>
- SANSONE, L. Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 9-29, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200002>
- SOFIATI, F. M.; COELHO, A. S.; CAMILO, R. A. L. Afinidades entre marxismo e cristianismo da libertação: uma análise dialético-compreensiva. **Trans/Form/Ação**, v. 41, n. 4, p. 115-134, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2018.v41n4.07.p115>
- SOFIATI, F. M.; MOREIRA, A. da S. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. **Religião & Sociedade**, v. 38, n. 2, p. 277-301, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap10>
- SOUZA, A. R. de. A livre religiosidade e a compulsória ciência do sociólogo da religião. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 309-325, 2015.
- STEIL, C. A.; REYES HERRERA, S. E. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. **Sociologias**, n. 23, p. 354-393, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222010000100013>
- VEIGA JR., M. V. R. Religião e música: variações em busca de um tema. **Caderno CRH**, v. 26, n. 69, p. 477-492, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792013000300005>
- VIANNA, C. M. Cooperação internacional católica: entre a política dos movimentos sociais e o ativismo da fé em ação. **Religião & Sociedade**, v. 35, n. 2, p. 213-248, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872015v35n2cap09>
- VITAL DA CUNHA, C. Religião & Sociedade 40 anos: números, temas, memórias. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 3, p. 225-240, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap09>



## Resumo

*Sociologia da religião no Brasil: artesanaria, fronteiras e horizontes*

Este trabalho propõe-se a fazer um balanço da sociologia da religião no Brasil, com base em cerca de 300 artigos publicados em periódicos classificados nos estratos superiores do Qualis da área de sociologia e ciências sociais, ao longo das duas últimas décadas. Procura-se caracterizar essa produção em termos de quem produz o que, como e onde, focalizando questões tanto de composição do campo como de dispersão temática, religiões estudadas e interlocução com as literaturas nacional e internacional. Os dados são pensados, ao final, por três metáforas sugeridas pelo próprio levantamento: artesanaria na forma de fazer, disputas de fronteiras relativas ao reconhecimento disciplinar e horizontes, como indicativos de áreas e tendências emergentes ou em redefinição.

**Palavras-chave:** Sociologia da religião; Brasil; Balanço bibliográfico; Dispersão temática; Tendências.

## Abstract

*Sociology of religion in Brazil: artisanship, frontiers, and horizons*

This article takes stock of the sociology of religion in Brazil, based on a sample of nearly three hundred articles published in journals classified in the upper strata of Qualis in the area of sociology and social sciences, over the last two decades. It seeks to characterize this production in terms of who produces what, how and where, focusing both on issues of composition of the field and thematic dispersion, religions studied and the engagement with national and international literature. At the end, the data are reflected upon three metaphors suggested by the survey itself: artisanship in the ways of doing, border disputes related to disciplinary recognition and horizons, as indicative of emerging and redefining areas and trends.

**Keywords:** Sociology of religion; Brazil; Literature overview; Thematic dispersion; Trends.

## Résumé

*La sociologie de la religion au Brésil : artisanat, frontières et horizons*

Cet article propose de faire le point sur la sociologie de la religion au Brésil, sur la base d'un panel constituée d'environ trois cents articles publiés dans des revues classées dans les couches supérieures de Qualis dans le domaine de la sociologie et des sciences sociales, au cours des deux dernières décennies. On cherche à caractériser cette production en termes de qui produit quoi, comment et où, en se concentrant à la fois sur les questions de composition du champ et de dispersion thématique, les religions étudiées et l'interlocution avec la littérature nationale et internationale. Les données se reflètent, à la fin, à partir de trois métaphores suggérées par l'enquête elle-même : l'artisanat dans la manière de faire, les différends frontaliers liés à la reconnaissance disciplinaire et aux horizons comme révélateurs de domaines et de tendances émergentes et redéfinies.

**Mots clés:** Sociologie de la religion; Brésil; Aperçu de la littérature; Dispersion thématique; Tendances.